

Férias, a solução em Manaus

IONICE LORENZONI

Patrões e empregados do Distrito Industrial de Manaus já sentem a recessão no seu dia-a-dia. As empresas tiveram uma queda de vendas em maio que se está acentuando em junho — e os empregados, como resultado disso, começaram a perder seus empregos. De acordo com o sindicato dos metalúrgicos, até o final de abril tinham sido demitidos 3 mil trabalhadores, e somente em maio mais 3 mil forma dispensados. Na avaliação do superintendente da Zona Franca, Delile Guerra, esse número não é tão alto, mas já chega a 2,5 mil trabalhadores.

De acordo com o diretor financeiro do sindicato dos metalúrgicos, Amilton Macedo, a Sharp sozinha já demitiu 2 mil funcionários e a Evadin dispensou, num único dia, 29 de maio, 800. Ele informou que todas as empresas estão dispensando, o que o sindicato já caracteriza como demissão em massa. A alegação dos empresários, diz o sindicato, é a queda nas vendas e as altas taxas de juros, mas considera que essa é também uma forma de pressão das empresas para sensibilizar o governo pelo lado social.

Uma das saídas provisórias que o superintendente da Suframa encontrou para contornar o problema foram as férias coletivas. Segundo Delile Guerra, estão acontecendo encontros diários com os empresários do setor para buscar solução de curto prazo para o problema. Com duas empresas ele já acertou férias coletivas: a Dismac, que trabalha na montagem de computadores, está em férias há uma semana e prometeu ao superintendente que em junho não fará demissões. A Evadin, do ramo de áudio e vídeo, entra em férias coletivas na próxima segunda-feira. Segundo o superintendente, conseguindo-se segurar as demissões em 30 dias, é possível que a situação possa ser contornada. Ele espera que nesse prazo o governo ponha na rua seu plano econômico, possa tranquilizar os empresários e poupar a mão-de-obra que trabalha no Distrito Industrial estimada em 60 mil pessoas.

Já o sindicato está pessimista quanto a uma saída rápida e prevê que em junho se chegue a 15 mil demitidos, porque o termômetro de vendas é que está pesando para as empresas.

Brasília/Agência Estado

A.B.